

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIAS. "A MULHER NA REVOLUÇÃO FRANCESA", PELO DR. SOUSA COSTA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1927 | Número: 37

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Conferências. "A mulher na Revolução francesa", pelo Dr. Sousa Costa. *Revista de Guimarães*, 37 (2-3) Abr.-Set. 1927, p. 301-303.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Colocou a mulher em pedestal doirado, comparando-a ao homem, na cultura, na inteligência e na educação.

Exemplificando os seus pontos de vista, provou como a mulher, que cultivava as letras, tem dado provas do seu ainar ao trabalho, do carinho pelo seu espôso e pelos filhos e pelo culto do seu lar.

Citou mulheres célebres, que escreveram páginas brilhantes na história mundial, dizendo só ser ridícula a mulher inculta e sem educação.

Pedi que tôda a mulher se compenetrasse do seu papel, dos seus deveres, para que o homem a respeitasse e lhe reconhecesse o mérito que realmente possui.

Descreveu, com realidade, a forma mesquinha como o homem aprecia os trabalhos da sua companheira, que as mais das vezes, é o mais forte esteio da felicidade do lar.

Disse que não aprovava que a mulher se imiscuisse nas lutas políticas, que enxovalham o homem; mas que ela tinha o direito de ser a leal cooperadora de seu marido, em seus trabalhos profissionais, ou mesmo na direcção de negócios públicos.

A mulher de hoje, disse a conferente, deixou de ser *bibelot* de adôrno, para ter a necessidade de fazer trabalhos práticos, que, ou sejam o encanto da sua casa, ou amanhã, o ganha-pão seu, e dos seus.

Incitou os pais, que ministrassem educação sólida e prática a suas filhas, fazendo-as conhecer e apreciar a superioridade do seu sexo.

Contestou o modo de pensar de certos homens políticos do nosso tempo, que vêem na mulher um ser inferior, incapaz de desempenhar papéis importantes, quando a História imparcial e justiceira se encarrega de os desmentir.

Descreveu, com arte e mimo, o quanto o homem deve à mulher, desde o período da gestação. A mulher é, foi sempre — a sua vida, o seu amparo, o seu apoio e a necessidade do seu viver. Se o homem tem a recomendá-lo a força física, a mulher tem o trabalho persistente, tem a bondade, a clemência — o amor!

Raras vezes, como hoje, sentimos a pequenez e a nulidade da nossa pena. Se o seu bico fôsse de ouro, e pudesse transmitir ao papel os reflexos da empolgante conferência que ouvimos, ainda assim não conseguiríamos dar uma pálida ideia do belo trabalho da Sr.^a D. Emília de Sousa Costa.

No final, a assistência fez-lhe uma quente e entusiástica ovação. »

Do mesmo jornal, de 16 de Dezembro, transcrevemos a notícia sôbre a conferência que o consagrado romancista Sr. Dr. Sousa Costa veio realizar, em 13 do mesmo mês, à S. M. S.:

« Realizou na terça-feira passada, no salão nobre desta colectividade, a sua conferência — *A Mulher na Revolução Francesa* — o apreciado romancista e brilhante escritor, Sr. Dr. Sousa Costa.

O tempo estava desabrido e chuvoso; mas, apesar dessa contrariedade, o salão encheu-se por completo, sendo a assistência, em grande parte, constituída por senhoras da nossa melhor sociedade.

A apresentação do conferente foi feita pelo douto advogado e nosso presado amigo o Sr. Dr. Eduardo d'Almeida.

S. Ex.^a, recordando a sua alegre, feliz e despreocupada mocidade, os tempos de estudante, os episódios passados entre os colegas, entre os quais estava o Dr. Sousa Costa, que em Guimarães, no extinto Colégio de S. Dâmaso, ensaiou os primeiros voos da sua vida literária, disse o que era o estudante de então, e o homem que, vencendo a vida, íamos ter o grato prazer de ouvir.

A conferência, foi uma bela página da história da Revolução Francesa.

Acompanhando minuciosamente essa triste história, foi enumerando os papéis importantes que as mulheres ali representaram.

Citou simples mulheres do povo, senhoras ilustres, princesas, e a Rainha *Marie Antoinette*, essa heroína que, concentrando sôbre si o ódio de uma Nação inteira, soube, até subir ao cadafalso, ser sempre a soberana altiva e digna, e a mulher meiga e heróica!

E, nessa ordem de ideias, o orador, pintando quadros vivos, transportou-nos aos horrores da Bastilha, aos massacres, às violências e finalmente à Justiça!

A sua oração foi sempre escutada com interesse.

No final foi muito cumprimentado.»

Do semanário «Ecos de Guimarães», de 24 de Dezembro:

«A vinda a esta cidade de D. Emília de Sousa Costa, escritora distintíssima, despertou um grande e justificado interesse.

Era a primeira vez que, na Sociedade Martins Sarmento, se ouviria uma voz feminina a proclamar e a demonstrar a *Espiritualidade da Mulher*. Ia-se assistir a um serão de arte ainda inédito.

A' Sociedade tem vindo de tudo — oradores distintíssimos, de grande bagagem literária, que arrebata e empolgam a assistência, — mas, até agora, ainda não tinha sido ouvida uma mulher, o que, de certo modo, justifica o interesse despertado. D. Emília de Sousa Costa tem já um nome feito. As suas palavras são vibráteis, empolgantes, cheias de beleza, como as páginas suavíssimas e belas dos seus livros.

O tema foi bem tratado, se bem que, num e noutro ponto, tenhamos que discordar das suas ideias. Mas, no conjunto, o tema, exposto com clareza, era de boa técnica.

A assistência aplaudiu e tributou a D. Emília de Sousa Costa, nessa magnífica noite de 12 do corrente, a sua estima e admiração.

*

O dia 13 foi destinado à conferência do Dr. Sousa Costa, que falou sôbre *A Mulher na Revolução Francesa*. Conquanto o assunto seja escabroso e já por várias vezes repetido, combatido

e exaltado, Sousa Costa soube expô-lo com muita clareza e exactidão. Não aplaudiu nem louvou os actos dos homens da Revolução, que, até agora, eram elevados à categoria de semi-deuses. Hoje, como ontem, a História repete-se. E a grande Revolução, como era chamada, depois de se ter alimentado do sangue de tanta vítima inocente sacrificada aos proclamados *direitos dos cidadãos*, foi consumando o sacrifício dos seus próprios filhos.

Demonstrou-o claramente o Dr. Sousa Costa, tendo passagens soberbas na referência feita ao sacrifício imposto a Maria Antonieta.

Assistência numerosa e distinta.

Foram dois magníficos serões de boa arte que ficam a marcar o esforço inteligente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento. »

Do «Diário de Notícias», de Lisboa :

« Guimarães, 14. — A conferência que o conhecido romancista Sr. Dr. Sousa Costa realizou ontem nesta cidade, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, subordinada ao tema «A Mulher na Revolução Francesa», foi cheia de interesse e reveladora dum trabalho de síntese histórica.

Tôdas as mulheres sacrificadas naquele período agitado da Revolução Francesa foram brilhantemente desenhadas, especialmente Maria Antonieta.

O conferente, ouvido por numerosa e distinta assistência, foi no final muito ovacionado. »